

AS VIDAS DESPERDIÇADAS DE PEDRO JUAN GUTIÉRREZ

Gabriela Figueiredo Azevedo¹

Tenemos orígenes volcánicos. Un amalgama poco envidiable, pero con sabor a aventuras de locos ambiciosos. No nacimos de ángeles y santos, sino más bien de demonios sulfurosos. (GUTIÉRREZ, 2007, p. 201)

RESUMO

O presente artigo pretende cruzar o conceito de “refugo humano”, defendido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, com obras literárias do autor cubano Pedro Juan Gutiérrez. Segundo Bauman, a produção de refugo é intrínseca ao progresso e à natureza da sociedade de consumo contemporânea. Pensando em termos humanos, somos forçados, quase diariamente, a conviver com o incômodo da presença de “sujeitos lixo”: sobras humanas, não intencionais ou planejadas, que provêm da busca pelo progresso econômico. Pedro Juan Gutiérrez é extremamente marginalizado em seu país. Apontado internacionalmente como um dos grandes nomes da nova narrativa hispano-americana, o autor busca, por meio de sua obra, explicitar o que é incômodo e, por consequência, silenciado pela sociedade contemporânea. Para isso, o autor constrói imagens e personagens viscerais e desumanizados, cujos objetivos são comer, transar e continuar vivo. Assim, por meio de um discurso curto, grosso e direto o autor nos aponta para esses sujeitos-excesso, dando voz a personagens que, se dependesse da íntima e secreta vontade da sociedade contemporânea², seriam para sempre silenciados. Desse modo, o presente artigo erige-se sobre a vontade de destacar certos silêncios, esclarecendo o conceito de Bauman, cruzando-o com o espaço, com as imagens e com os densos personagens que se revelam na obra de Gutiérrez.

Palavras-chave: Pedro Juan Gutiérrez, refugo, contemporaneidade, marginalidade.

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Essa pesquisa foi desenvolvida sob a orientação do prof. Dr. Marcos Alexandre, com fomento do PROBIC - FAPEMIG. E-mail: gabi.bq@gmail.com

² No presente artigo trabalharei com os termos sociedade contemporânea e contemporaneidade partido das noções de fragmentação, vazio e consciência do nada, que marcam os textos que se referem ao assunto.

1 QUEM SÃO ELES?

Em *Literatura e consciência política na América Latina*, Alejo Carpentier elencou como uma das tarefas do novo romancista latino-americano a de revelar o que de universal, relacionado com o vasto mundo, possa achar-se nas nossas gentes (CARPENTIER, 1969, p. 13). Assumindo tal tarefa na contemporaneidade, com olhos que admiram as montanhas de ruínas acumuladas na contínua passagem do furacão que chamamos progresso (BENJAMIN *apud* ACHUGAR, 2009, p. 27), acredito que não exista tema mais universal a ser despontado que as sobras humanas, o conjunto de natimortos, inadequados, inválidos ou inviáveis, nascidos com a marca do descarte iminente (BAUMAN, 2005, p. 15), que não cessam de fazer desviar o olhar do passante contemporâneo.

Não se trata de falar apenas de alteridade, posto que me refiro a um conjunto de sujeitos que não têm consciência de identidade(s), um homem resíduo, uma das sobras da modernidade contemporânea; sujeitos sem função, chamados refugio social, cujo destino inquestionável é o depósito de dejetos, o monte de lixo. (BAUMAN, 2005, p. 20). Portanto, eleger a obra de Pedro Juan como ponto de partida para essa discussão representa falar de um dos tantos olhares que habitam o que entendo como de “ilha de olhares falidos”³.

Pedro Juan Gutiérrez nasceu em 1950, em Matanzas, Cuba, e, por consequência histórico-temporal, representa um dos tantos sujeitos que presenciaram a utópica ascensão e o lento e doloroso naufrágio do Estado Socialista Cubano. O autor, pouco estudado em seu país, é reconhecido internacionalmente como um dos escritores mais talentosos da nova narrativa latino-americana. Vive em Havana, e entre idas e vindas para Europa e América Latina, afirma-se como um sujeito que resolveu ficar na ilha, em meio às fugas, às diásporas e à constante onda do “salve-se quem puder”. Entre as muitas atividades que exerceu, pode ser destacado que começou a trabalhar aos onze anos, como

³ Conceito recuperado de Bauman, que será explicitado posteriormente e que, para essa análise, está associado à situação sociopolítica do espaço dos personagens das obras trabalhadas.

vendedor de sorvete e de jornal. Além disso, foi soldado sapador durante quase cinco anos, instrutor de natação e caiaque, cortador de cana-de-açúcar e trabalhador agrícola de 1966 a 1970, técnico em construção, desenhista técnico, locutor de rádio e, durante 26 anos, jornalista. Também é pintor, escultor e autor de vários livros de poesia. Vale a pena apontar que a revista cubana *Bohemia* prescindiu dos serviços do jornalista sem explicação, um ano após a publicação da *Trilogía sucia de La Habana* em 1998, pela editora barcelonesa Anagrama. Atualmente, dedica-se exclusivamente à literatura e à pintura. Sua obra narrativa já foi publicada em 20 países e em vários idiomas.

No livro *Corazón Mestizo*, Gutiérrez menciona um jantar do qual participou em Belo Horizonte em uma viagem ao Brasil. Na ocasião, o autor foi apresentado aos convidados por “um famoso teólogo da libertação” como “um escritor que se ocupa do lixo social de Cuba”⁴ (GUTIÉRREZ, 2005, p. 60). Insatisfeito, o autor reagiu afirmando que não esperava ouvir palavras tão excludentes e burguesas na boca do dito senhor. “Para mim todos os seres humanos são iguais. Não importa se é o secretário geral da ONU ou uma puta infeliz de Havana.”⁵ (GUTIÉRREZ, 2005, p. 60). Talvez o presente artigo seja mais um desses comentários burgueses e excludentes que seria secamente censurado pelo autor. Entretanto, na tentativa de desenvolver qualquer projeto faz-se necessário o recorte, separar o relevante do irrelevante e concentrar-se nos objetivos considerados razoáveis e ao nosso alcance por meios e habilidades atualmente disponíveis, complementados pelos meios e habilidades que se espera em breve adquirir. (BAUMAN, 2005, p. 35). Assim, detenho-me no que me cabe, excluindo o supérfluo e o que não me interessa. Direciono-me ao refugio e com isso produzo montes de silêncios de leituras possíveis, de projetos descartados e excluídos. Volto-me para o refugio e produzo um “monte de lixo”.

⁴ “Pedro Juan es un escritor que se ocupa de la basura social de la Habana”. (Todas as traduções incorporadas ao corpo deste trabalho são de minha responsabilidade.)

⁵ “Para mí todos los seres humanos son iguales. No importa si es el secretario general de la ONU o una jinetera infeliz de la Habana.”

2 A POSSÍVEL “ILHA DE OLHARES FALIDOS”

“Cuba não é só um país. São muitos países sobrepostos” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 7)⁶. No prólogo para o citado livro – um dos dois que aparecem no site do autor como declaradamente autobiográficos – no qual Pedro Juan Gutiérrez nos apresenta “os apontamentos de uma viagem múltipla e simultânea: por dentro de Cuba e, ao mesmo tempo, pelo interior de minha gente e de mim mesmo” (GUTIÉRREZ, 2007, p.7)⁷, o autor revela sua ambição de, por meio da escrita, “desentranhar o que todos ocultamos, o que nos incomoda ou entristece, o que escondemos, a intimidade privada”⁸ (GUTIÉRREZ, 2007, p. 7). Desse modo, por meio de sua obra – destaca-se o seu “Ciclo de centro Havana”⁹ (coleção de 5 livros ambientados na cidade) – cria, com um discurso fortemente político, sem ser panfletário anti-castrista, imagens de um desses países coexistentes em Cuba (FRANCO, 2005)¹⁰. Uma imagem seca, “suja” e visceral, que busca “expor, dizer o que todos sabemos, mas que nos incomoda ou desagrade” (GUTIERREZ, 2007, p. 60), por intermédio da qual nos é revelada sua relação de amor, ódio e dependência com a ilha do Dr. Castro.

Nesse momento, faz-se necessária uma tentativa de resgate histórico: estamos por volta do ano de 1500 na ilha de Juana¹¹. A remoção dos refugos humanos foi considerada a solução ideal na época da colonização e das conquistas imperialistas. Um problema local foi minimizado por soluções globais (BAUMAN, 2005, p. 13) e as terras colonizadas tornaram-se abrigo para o descartável, para uma gama de “prostitutas, padres ambiciosos, soldados, delinquentes recém-saídos da

⁶ “Cuba no es solo un país. Son muchos países superpuestos.” (Todas as traduções, se não sinalizadas, referentes às citações deste trabalho são de minha responsabilidade)

⁷ “(...) los apuntes de un viaje múltiple y simultáneo: por dentro de Cuba y, al mismo tiempo, por el interior de mi gente y de mí mismo.”

⁸ “(...) desentrañar lo que todos ocultamos; lo que nos molesta o apena; lo que escondemos; la intimidad privada.”

⁹ Os livros que compõem o “Ciclo de centro Habana” são: *La trilogía sucia de la Habana*, *El Rey de La Habana*, *Animal Tropical*, *Carne de Perro* e *El insaciable hombre araña*.

¹⁰ “(...) la sorpresa surgió de encontrarme con la descripción de una realidad que, sin ser un panfleto anti-castrista, pero sin dejar de ser un texto político, en el sentido más amplio del término, muestra otra de las muchas caras de Cuba”

¹¹ Primeiro nome atribuído à ilha por Colombo, em 1492.

prisão, camponeses analfabetos, africanos trazidos a força e acorrentados”¹² (GUTIÉRREZ, 2007, p. 201).

Segundo o sociólogo Fernando Ortiz, coexistiam na ilha “com a força ou à força, todas suas gentes e culturas, todas exógenas e desgarradas, com o trauma do desarraigamento original e da rude transportação, [formando] a uma nova cultura em criação.” (ORTIZ, 1983, p. 88)¹³. Tal fato inspirou-o na definição do termo “transculturação”, criado para expressar

(...) os variados fenômenos que têm origem em Cuba nas complexas transmutações de culturas que aqui se verificam, tornando impossível, sem conhecê-los, entender a evolução do povo cubano – tanto no que se refere ao fator econômico quanto no fator institucional, jurídico, ético, religioso, artístico, linguístico, psicológico, sexual e nos demais aspectos da sua vida. (ORTIZ, 1983, p. 86)¹⁴

Desse modo, o termo transculturação seria utilizado para definir as etapas desse processo de criação de uma nova cultura, uma vez que se reconhece que esse não aconteceu apenas pelo viés da aculturação das populações nativas, como também pela desculturação dos povos estrangeiros (pela perda ou desvalorização da cultura precedente) e da conseqüente neoculturação que representa a criação de novos fenômenos culturais. Enfim, “em conjunto, o processo é uma transculturação e este vocábulo compreende todas as fases de sua parábola” (ORTIZ, 1983, p. 90)¹⁵.

“Sou mestiço, de sangue, de cultura, de psicologia, de espírito (...). Sei que tenho pouco em comum com outras culturas definitivamente brancas, ou definitivamente negras ou asiáticas. Tenho um pouco de todas” (GUTIÉRREZ, 2007,

¹² “(...) prostitutas, curas ambiciosos, soldados, delinquentes recién salidos de las cárceles, campesinos analfabetos, africanos traídos a la fuerza y encadenados.”

¹³ “(...) con la fuerza o a la fuerza, todas sus gentes y culturas, todas exógenas y desgarradas, con el trauma del desarraigo original y de su ruda trasplatación, a una cultura nueva en creación.”

¹⁴ “(...) expresar los variadísimos fenómenos que se originan en Cuba por las complejíssimas transmutaciones de culturas que aquí se verifican, sin conocer las cuales es imposible entender la evolución del pueblo cubano, así en lo económico como en lo institucional, jurídico, ético, religioso, artístico, lingüístico, psicológico, sexual y en los demás aspectos de su vida.”

¹⁵ “En conjunto, el proceso es una *transculturación*, y este vocablo comprende todas las fases de su parábola.”

p. 70)¹⁶. Dessa forma, define-se Pedro Juan; apropriando-se do discurso da transculturação para justificar, ou melhor, conjecturar a respeito da natureza “delirante” do povo cubano. “Ser mestiço é viver no caos e na alucinação dessa mistura fascinante que acabo de esboçar. Talvez, seja por isso que nós cubanos somos delirantes.”¹⁷ (GUTIÉRREZ, 2007, p. 60).

Em *Culpas e memórias nas modernidades locais*, Hugo Achugar afirma que

(...) a estrutura do relato contemporâneo, ou do olhar contemporâneo, ou do olhar do discurso artístico contemporâneo, deveria estar pautada pela justaposição de quadros ou imagens, deixando ao espectador o trabalho de ilação, incluindo o da construção do sentido. (ACHUGAR, 2009, p. 19)

Dessa forma, pode-se afirmar que uma imagem lida, ou construída, é formada a partir de imagens, conceitos e leituras sobrepostas, apresentadas por um discurso de um sujeito que se constituiu por meio dessa eterna sobreposição. Partindo daí, arrisco aproximar o fenômeno da transculturação cubana ao processo contemporâneo da construção de sentidos, já que ambos têm como característica a coexistência entre distintos pontos – imagens, olhares, culturas e raças descompostas e relacionadas, cuja totalidade é impossível assimilar – reunidos em um espaço comum: uma ilha ou uma expressão artística. Assim, partindo desse viés, pode-se considerar o nosso autor foco como um ponto de convergência entre a construção fragmentada e imagética do relato contemporâneo e uma das variadas possibilidades de olhar e perceber a realidade cubana. São palavras-imagens ou culturas que sobrepostas definem a textura do discurso contemporâneo e do país “transculturado” que Gutiérrez costura.

Retomo agora o termo “ilha de olhares falidos”, destacado em momento anterior. Ainda segundo Bauman, a cidadania está diretamente

¹⁶ “Yo soy mestizo, de sangre, de cultura, de sicología, de espíritu. Lo tengo muy asumido desde siempre. Sé que tengo poco común con otras culturas definitivamente blancas, o definitivamente negras, o asiáticas. Tengo un poco de todas.”

¹⁷ “Ser mestizo es vivir en el caos y la alucinación de esa mezcla fascinante que acabo de esbozar. Quizá por eso los cubanos siempre somos delirantes.”

relacionada à capacidade de consumo do indivíduo, que por sua vez é regulada pela função social que esse sujeito exerce. Desse modo “a cidadania existe apenas para aquele que tem trabalho”. (BAUMAN *apud* ACHUGAR, 2009, p. 25). No capítulo *O consumo serve para pensar* do livro “*Consumidores e cidadãos*”, Nestor García Canclini propõe uma longa reflexão sobre o consumo, afirmando que nele “se constrói parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade” (CANCLINI, 1996, p. 56). Assim, o consumo, definido como “o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (CANCLINI, 1998, p. 53), é apresentado como um dos pilares das sociedades contemporâneas uma vez que “boa parte da racionalidade das relações sociais se constrói, mais do que na luta pelos meios de produção, na disputa pela apropriação dos meios de distinção simbólica” (CANCLINI, 1998, p. 55). Pensar, portanto, na ilha de Pedro Juan, leva-nos obrigatoriamente a um espaço excluído desse sistema contemporâneo de pensar e construir a cidadania. Os “corpos supérfluos” apontados por Bauman como os que “caem fora do sistema funcional” (BAUMAN, 2009, p. 55), são facilmente metaforizados pela ilha esquecida e desesperada que nosso autor desenha. Assim, entendendo que as relações de consumo, além de coordenar os meios de produção, trabalho e comunicação, desenvolvem o “pensar” e a cidadania do indivíduo contemporâneo, a falta dessa capacidade de consumo projeta essa imagem de país de gente embrutecida, cuja “única forma de viver [é] louco, bêbado ou adormecido” (GUTIÉRREZ, 1998, p. 44)¹⁸.

Reconheço a estranheza de utilizar o termo “falência” para expressar relações político-sociais em um Estado Socialista, uma vez que, por essência, esse Estado tem como um dos principais objetivos a estatização de bens e a homogeneização das capacidades de consumo. Porém, aproveito-me da parcialidade e da fragmentação do discurso contemporâneo, para esquivar-me dessa discussão situando minhas reflexões exclusivamente no país desenhado por Pedro Juan Gutiérrez, um desses tantos países que coexistem em Cuba e que, no meu caso, limita-se ao espaço dos personagens das obras estudadas.

¹⁸ “Pedro Juan, la única forma de vivir aquí es loco, borracho o dormido” (fragmento do conto “En busca de la paz interior”)

Voltando ao *Corazón Mestizo*, Pedro Juan está viajando pela ilha com o amigo Anselmo e seu filho Marlon. Saindo de Varadero, o trio chega a Cárdenas – antiga zona de comércio, bares e restaurantes do país –, cidade que o autor frequentava na infância quando saía para fazer compras com os pais. O olhar do trio constrói a imagem da “rua principal da cidade, [que] se vê infestada de gente que caminha sem parar de um lado a outro” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 117)¹⁹. “O mesmo acontece por toda Cuba, aonde quer que se vá”, afirma Pedro Juan sobre sua Cuba, agora, nossa Cuba. Com essa passagem erige-se a imagem da “ilha de olhares falidos”, fundamentada em sequência na forma de um comentário agudo e mordaz de Anselmo ao afirmar que “as pessoas não trabalham. Não sei do que vivem. Você vê todo mundo na rua sem fazer nada. Não há trabalho e eu não entendo do que as pessoas vivem.” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 117)²⁰

Os humanos descartáveis, donos do chamado “olhar falido”, não guardam nenhuma relação com o sujeito ocioso, que adota o ócio como escolha pessoal. São sujeitos excluídos, excretados e expulsos, sem consciência e sem perspectiva, sujeitos sem rumo e sem alternativas, representantes do “olho que percorre a cidade em busca das sobras que os consumidores jogam fora.” (ACHUGAR, 2009, p. 240)

Segundo Achugar, “o descartado é consumido por outro, sendo postulados a resignação e o estímulo a lutar para superar a adversidade.” (ACHUGAR, 2009, p. 27). Essa resignação é revelada no conto “Yo claustrofóbico” do livro *Anclado en tierra de nadie*. Nele, vemos o personagem Pedro Juan despedindo-se de sua amante Rita de Cássia, “uma brasileira de pele dourada que queria ganhar muito dinheiro escrevendo roteiros para telenovelas” (GUTIÉRREZ, 1998, p. 38)²¹. A brasileira já havia afirmado ao amante que não voltaria jamais à ilha porque “lhe doía ver tanta miséria e tanto teatro político para dissimulá-la” (GUTIERREZ, 1998, p. 42)²². Confirmando a afirmação de Achugar de que “nos dias

¹⁹ “La calle principal de la ciudad está atestada de gente que camina sin cesar, de un lado a otro.”

²⁰ “La gente no trabaja. No sé de qué viven. Tú ves a todo el mundo en la calle, sin hacer nada. No hay trabajo y yo no entiendo de qué vive la gente.”

²¹ “una brasileña de piel dorada que quería ganar mucha plata escribiendo guiones de telenovela.”

²² “Le dolía mucho ver tanta miseria y tanto teatro político para disimularla. Así que no quería volver jamás.”

atuais, o olhar que descarta e o olhar do descartado sobre o que é descartado não assinalam para nenhum lugar de redenção” (ACHUGAR, 2009, p. 27), Pedro Juan se admira ao ver o que a amante deixa como lixo no quarto do hotel: meio frasco de shampoo, pedaços de sabonete, uma lamina descartável usada, pequenos blocos de notas e outros objetos, que serão definidos como inúteis pela brasileira. Surpreso, o personagem afirma que no seu país “tudo serve, mesmo que para você seja lixo.”²³ (GUTIÉRREZ, 1998, p. 42)

3 HISTÓRIA DE SILENCIADOS?

“No quiero leer. No quiero saber nada de nada. Ya es suficiente.” (GUTIÉRREZ, 2003, p. 35)

Em *Reflexão, Ficção*, Michel Foucault, discorrendo sobre a obra de Blanchot, afirma que suas ficções “são precisas e só têm figuras desenhadas na monotonia do cotidiano e do anônimo: e quando dão lugar ao encantamento, não é jamais nelas próprias, mas no vazio que as circunda, no espaço onde são colocadas, sem raiz e sem fundações” (FOUCAULT, 2009, p. 225). Segundo Foucault, “a ficção consiste, portanto, não em mostrar o invisível, mas em mostrar o quanto é invisível a invisibilidade do visível” (FOUCAULT, 2009, p. 225). Bauman, em sua *Digressão: Sobre contar histórias* afirma que histórias são “como holofotes refletores – iluminam parte do palco enquanto deixam o resto na escuridão” (BAUMAN, 2005, p. 26), uma vez que “uma realidade não é mais o que era quando era – não pode ser reconstruída” (KUNDERA *apud* BAUMAN, 2005, p. 27).

Em meio a essas reflexões, o que representa, portanto, voltar os holofotes para aqueles que são demasiados, e que, no entanto, sempre serão alvo do silenciamento e da exclusão? Qual seria o tamanho da invisibilidade desses excessos? Desses “seres inválidos, cuja ausência ou obliteração só poderia beneficiar a forma projetada, tornando-a mais uniforme, mais harmoniosa, mais segura e ao mesmo tempo mais em paz consigo mesma” (BAUMAN, 2005, p. 42)? O espaço de Pedro Juan é um espaço delirante, de gente louca e deslocada, o que

²³ “Aquí todo sirve, aunque para ti sea lixo.”

confirmamos no conto *Soledad y Silencio*, no qual, na praia após despertar-se, autor depara-se com “pessoas [que] continuavam loucas. Correndo e gritando sem rumo. Normal. Isso é o que sempre fazemos. Correr e gritar com o rumo perdido” (GUTIÉRREZ, 2003, p. 20).

Em *Corazón Mestizo*, Gutiérrez afirma que “os gays conquistaram um pouco de respeito. Lutando arduamente em um país machista, racista, verticalista e autoritário”²⁴ (GUTIÉRREZ, 2007, p. 94). Refletindo sobre a recente mudança na política de perseguição de homossexuais²⁵, o autor apresenta uma citação de Abel Sierra para corroborar a ideia de que “muito se escreveu sobre a história de Cuba..., mas dentro dessa vastíssima produção existem numerosas zonas de silêncio”²⁶ (SIERRA *apud* GUTIÉRREZ, 2007, p. 94). Seguindo a argumentação e ainda citando Sierra, Gutiérrez afirma a possibilidade de se construir a história a partir de uma perspectiva diferente, uma contra-história traçada a partir de silêncios e decifrações, de verdades cuidadosamente guardadas durante muitíssimo tempo (SIERRA *apud* GUTIÉRREZ, 2007, p. 94).

Nesse momento, quem sabe, nosso autor apresenta o motivo de sua narrativa, ou pelo menos, o motivo que meu “eu leitor” enxerga em sua narrativa. Retomando o refugio como ponto principal da discussão, como, seria possível construir a história desses excluídos, sem voz e força para lutar sequer pela realidade de ser gente? Como fazer visível uma realidade tão alheia e inadequada?

O Rey de Havana, personagem da obra homônima de Pedro Juan Gutiérrez, talvez seja a personificação da resposta dessas perguntas. A obra - pulsante, visceral e extremamente incômoda do início ao fim – revela, a partir de um narrador onisciente em terceira pessoa, a existência sem sentido de personagens imersos em uma vida de miséria e fome permanentes. Seguindo o estilo do autor, apresenta-se como uma narrativa crua, direta e seca que, por meio de um

²⁴ “Es cierto. Los gays se han ganado un poco de respeto. Luchando a brazo partido en un país machista, racista, verticalista y autoritario.”

²⁵ Vale a pena destacar que durante grande parte do regime socialista cubano a homossexualidade foi criminalizada e perseguida. No entanto, menciono-a nesse artigo apenas para ilustrar as mencionadas zonas de silêncio a partir das quais, segundo Sierra, se poderia construir a citada contra-história.

²⁶ “Mucho se ha escrito sobre la historia de Cuba..., pero dentro de esa vastísima producción existen numerosas zonas de silencio.”

vocabulário nada erudito, ilumina uma história que “nunca ninguém conheceu”²⁷ (GUTIERREZ, 1999, p. 218). A trajetória paradoxal de Reynaldo reverbera a invisibilidade desses “parasitas e intrusos [acusados], na melhor das hipóteses, de simulação e indolência, e frequentemente de toda espécie de iniquidades, como tramar, trapacear, viver à beira da criminalidade, mas sempre de se alimentarem parasitariamente do corpo social” (BAUMAN, 2005, p. 55) A obra, que considero como uma das possíveis explicações – ou melhor, reflexões – sobre a existência do sujeito refugio, instaura-se como um grito incômodo daqueles que, mesmo sem culpa ou sem vontade, veem-se privados do único sentido universal do ser humano: o sentir-se humano. Reconhecendo a amplitude da análise da citada novela, pretendo dedicar-lhe um artigo posterior, e, neste momento, limito-me a essa breve apresentação.

Em *Carne de Perro*, livro de contos que faz parte do *Ciclo de Centro Habana*, o personagem escritor, figura comum na maioria das obras do autor, reconhece um “borrachito miserable” – com quem sempre encontrava nas andanças noturnas – com o braço direito destroçado. Sentindo profundo asco da imagem - a mão do mendigo dilacerada e ensanguentada, sendo cheirada e lambida por cães - o personagem dispõe-se a ajudar:

Os contratemplos e as interferências me tiram do sério, mas não tive outro remédio. Ajudei-o a levantar e o arrastei até a avenida. Parei um carro e fomos ao hospital. Havia um médico e duas enfermeiras de plantão. Dormiam e se incomodaram com a minha interrupção com o bêbado nas costas. Eles o medicaram um pouco e me disseram que eram mordidas de ratos. (GUTIÉRREZ, 2003, p. 11)²⁸

Desse modo Gutiérrez propõe uma história e uma existência possível de um desses tantos sujeitos refugio, apresentando a delirante história desse personagem assombrado pelos gritos dos filhos que foram devorados por tubarões

²⁷ “Y nadie supo nada jamás.”

²⁸ “Me joden mucho los contratemplos e interferencias, pero no me quedó más remedio. Lo ayudé a pararse y lo arrastré hasta la avenida. Paré un carro y fuimos al policlínico. Había un médico y dos enfermeras en guardia. Dormitaban, y se molestaron por mi interrupción, con el borrachito a cuestas. Lo curaron un poco y me dijeron que eran mordidas de ratas.”

enquanto tantavam fugir de balsa para os EUA. Virar o rosto requer muito menos esforço que fechar um livro, assim, aproveitando de seu pacto sádico e doloroso com o leitor, o autor desperta-o para esses sujeitos, e, por intermédio dessa “realidade possível”, retrata uma existência e uma imagem que nos esforçamos para não ver, ou, no mínimo, para esquecer. Ao final do conto, o personagem escritor depara-se com a cena da carniça do mendigo sendo devorada por urubus e, anestesiado e também delirante, abandona a cena, tratando de esquecê-la.

A literatura erige-se como um reflexo de realidades imagináveis²⁹. Na obra de Gutiérrez a invisibilidade do visível ou do real transmuta-se em palavras que constroem imagens incômodas, das quais, certamente, desviaríamos o olhar. Falo de murmúrios loucos e incompreensíveis de sujeitos supérfluos que não são apenas um corpo estranho, mas um tumor canceroso que corrói os tecidos sociais saudáveis de uma sociedade ideal (BAUMAN, 2004, p. 55).

Por fim, percebendo o sufocamento das vozes malditas desses sujeitos que foram ensinados a não pensar; “que por isso estavam tão fodidos: por serem tão brutos [e que] por isso eram tão brutos: por estarem tão fodidos” (GUTIÉRREZ, 1998, p.95), acredito que trazer para discussão as personagens de Pedro Juan Gutiérrez e seus contextos de enunciação contribui para que se discuta a história a partir do olhar daqueles que segundo Bauman são “inimigos jurados do nosso modo de vida e daquilo que respeitamos” (BAUMAN, 2005, p. 55).

RESUMEN

Este artículo pretende relacionar el concepto de desecho humano, defendido por el sociólogo polonés Zygmund Bauman, a la obra del autor cubano Pedro Juan Gutiérrez. Según afirma Bauman, la producción de los desechos se presenta como una consecuencia del progreso y de la sociedad de consumo contemporánea. Llevando la discusión hacia los aspectos humanos destacamos la molesta presencia de esos “sujetos basura” con los cuales somos obligados a convivir diariamente: sobras humanas no intencionales, ni planeadas que vienen junto con el progreso

²⁹ Aqui, entende-se realidades imagináveis como aquelas passíveis de serem construídas em imagens por meio da linguagem, sem, de maneira nenhuma, limitá-la ou vinculá-la à experiência do sujeito autor.

económico. Pedro Juan Gutiérrez es marginado en su país. Señalado internacionalmente como uno de los grandes nombres de las nuevas narrativas hispanoamericanas, por medio de su obra busca desvelar lo más molesto, y por eso silenciado, por la sociedad contemporánea. Para eso construye imágenes y personajes viscerales y deshumanos, cuyo único objetivo es follarse, comer y seguir vivo. De ese modo, a través de un discurso rudo y directo, el autor señala esos sujetos excesivos, concediendo voz a personajes que, si fuera por las ganas de la sociedad, serían siempre silenciados. Por lo tanto, el presente artículo se construye a partir del deseo de exponer ciertos silencios y, después de esclarecer el concepto de Bauman, relacionarlo con el espacio, las imágenes y los densos personajes que aparecen en la obra de Gutiérrez.

Palabras clave: desecho, contemporaneidad, Pedro Juan Gutiérrez, marginalidad.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. Culpas e memórias nas modernidades locais: Divagações a respeito de “o Flâneur” de Walter Benjamin. In: SOUZA, Eneida Maria; MARQUES, Reinaldo (org.) *Modernidades Alternativas na América Latina*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 14-31.

BAUMANN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Tesis sobre la historia y otros fragmentos*. Introducción y traducción de Bolívar Echeverría. México: UACM / Itaca, 2008. p. 197-198.

CANCLINI, Nestor García. O consumo serve para pensar. In: _____. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 51-70.

CARPENTIER, Alejo. Problemática do atual romance latino-americano. In: _____. Alejo. *Literatura e consciência política na América Latina*. Trad. Manuel J. Palmeirim. São Paulo: Global, 1969.

FOUCAULT, Michael. Reflexão, ficção. In: MOTA, Manuel Barros da (org.). *Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Inês Autran Dourado Barbosa (trad.). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 225 – 235.

FRANCO, José Javier; GUTIÉRREZ, Pedro Juan. Resistencia y escritura en La Habana. *Encontrarte*, Año II, n. 19, República Bolivariana da Venezuela, maio de 2005.

Disponível em:

<http://www.pedrojuanguierrez.com/Entrevista_ES_Encontrarte.htm>. Acesso em: 09 jan. 2013.

ReVeLe - nº 5 - maio/2013

GOMES, Renato Cordeiro. Literatura e resíduos utópicos: Heterogeneidade Cultural e representação da cidade. In: OLINTO, Heidrum Krieger; SCHØLLHAMMER, Karl Erik (org.). *Literatura e Cultura*, São Paulo: Loyola, 2003. p. 104-118.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *Anclado en tierra de nadie*. Barcelona: Anagrama, 1998.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *El Rey de La Habana*. Barcelona: Anagrama, 1999.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *Anclado en tierra de nadie*. Barcelona: Anagrama, 2001.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *Carne de Perro*. Barcelona: Anagrama, 2003.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *El Rey de La Habana*. Barcelona: Anagrama, 2004.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *Corazón Mestizo: el delirio de cuba*. Barcelona: Planeta, 2007.

HAAPALA, Arto. La identidad urbana: la ciudad como un lugar para residir. In: NAVARRO, Desiderio (ed.). *Criterio*, n. 35. La Habana: Cuarta Época, 2006. p. 133-142.

ORTIZ, Fernando. Del fenómeno social de la “transculturación” y de su importancia en Cuba. In: _____. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983. p. 86-90.

SIERRA, Abel. Sexualidades disidentes en el siglo XIX en Cuba. *Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, año 2004-2005, n. 16:1, Facultad de Humanidades Lester y Sally Entin Escuela de Historia Instituto de Historia y Cultura de América Latina, 2005. Disponível em: <http://www1.tau.ac.il/eial/index.php?option=com_content&task=view&id=360&Itemid=188> Acesso em: 11 jan. 2013.

http://www.pedrojuangutierrez.com/Entrevista_ES_Encontrarte.htm. Acesso em: 12 ago. 2012.

<http://pt.scribd.com/doc/19742505/Canclini-O-Consumo-Serve-Para-Pensar-Consumidores-e-cidadaos>. Acesso em: 22 jul. 2012.